ความนำ

14
UM PRIMEIRO PASSO
Vanessa Rato

20
AS QUATRO VIDAS DE UM TEATRO
Inês Nadais

46
COLINA DA CULTURA: UMA VISTA DE RELANCE ATÉ AO SÃO LUIZ
José Sarmento de Matos

52
AS DIFERENTES FASES DA CONSTRUÇÃO DE UM TEATRO POPULAR: ENTRE O «TEATRO À ITALIANA» E O CINETEATRO
Ana Vaz Milheiro e Alexandra Areia

64
A VANGUARDA COMO ESPETÁCULO
Fernando Cabral Martins

74
AMÉLIA REY COLAÇO ESTREIA-SE DESCALÇA
Cláudia Madeira, Filipe Figueiredo e Teresa Mendes Flores

86
O OLIMPO EM LISBOA
Maria Virgílio Cambraia Lopes

96
AS NOITES DE LISBOA SÃO INTOLERÁVEIS SEM O SÃO LUIZ
Luís Miguel Oliveira

104
RECORDAÇÕES E EMOÇÕES DOS ANOS 60 E 70
Filipe La Féria

162
TERRENO BALDIO PARA MEMÓRIAS PERDIDAS
Joana Craveiro

174
A CHORAR E A RIR E, ÀS VEZES, NADA DISSO: MÁRIO VIEGAS
Isabel Lucas

188
REQUIEM PARA PROGRAMADORES CULTURAIS
António Pinto Ribeiro

196
UM TEATRO CRIADOR DE REALIDADES
Ana Pais

206
A MÁQUINA DE (RE)FAZER PAISAGENS
Duarte Santo

216
SÃO AMIANTO OU O TRIÂNGULO DA VIDA
Joacine Katar Moreira

226
O TEATRO, DA EXPANSÃO AO REGRESSO
José Bragança de Miranda

238
O FUTURO FOI ONTEM
André e. Teodósio

248
MANIFESTO PARA UMA POSSIBILIDADE DE EXISTIR NO ESPAÇO CÉNICO
Odete

250
CRONOLOGIA COMENTADA

301
ENGLISH TRANSLATION

Celebrar os 125 anos do Teatro São Luiz em 2019 é, para nós, um duplo exercício de memória e ambição. Acreditamos em olhar em frente sabendo que trazemos um legado que devemos preservar, porque nos questiona.

Quisemos sempre colocar a cidade, e o país, em palco. Fizemo-lo variadas vezes, com a cumplicidade de tantos artistas quantos aqueles nos quais os públicos confiaram e com os quais muitos aprenderam.

Cento e vinte e cinco anos passados sobre a inauguração do então Teatro Dona Amélia, com a opereta *A Filha do Tambor-Mor*, de Jacques Offenbach — que revisitámos em dia de aniversário, 22 de maio, com escolas de todo o país e 150 artistas, muitos em formação, que asseguram que não estamos sozinhos na defesa de um teatro como centro de uma cidade —, continuamos a querer celebrar o futuro, conscientes do tanto que somos por todos os que nos precederam.

Importante também, acreditamos, é fixar a memória deste teatro. Este livro que editamos, *São Luiz 125*, quer ser um livro que, através de textos de diversos autores e de diferentes pontos de vista, se debruça sobre a história, ao mesmo tempo que reflete sobre o que deve ser hoje um teatro, e este teatro em particular, e o que queremos dele para o futuro, e por isso do que estamos dispostos a contribuir para que realidade e ficção se confundam apenas no palco.

Celebramos a riqueza deste teatro e os momentos importantes do São Luiz, a sua relação com todas as artes que por aqui passaram, como o cinema, com os grandes temas da identidade, da responsabilidade e da diversidade, criando e relacionando-os com os seus sucessivos contextos nacionais e internacionais. Queremos que esta celebração seja uma reflexão social, política e artística. Para que a memória não se dilua e o futuro não se dissipe.

Aida Tavares

DIRETORA ARTÍSTICA DO SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

Joaquim René

DIRETOR EXECUTIVO DO SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL (2015-2019)

Ao longo dos seus 125 anos de vida, que agora se celebram, o São Luiz Teatro Municipal procurou afirmar-se como um espaço de vanguarda da vida cultural e artística de Lisboa, indo ao encontro da ambição cosmopolita de uma cidade que frequentemente procurou constituir-se como um polo cultural e intelectual.

Desde a fundação, em 1892, apresentou-se invariavelmente como um espaço de modernidade, acolhendo o que de novo e marcante se fazia nas artes, e abrindo-se desde cedo aos mais recentes progressos e inovações tecnológicas da época. Ainda no século XIX, o São Luiz tornou-se o segundo espaço em Portugal a apresentar cinema ao público. Em 1931, foi das primeiras salas do país a equipar-se para a «era do cinema sonoro». Acolhendo predominantemente teatro ou sobretudo cinema — conforme as épocas —, o São Luiz foi dos primeiros espaços de Lisboa onde começaram por brilhar grandes nomes que fizeram a história das artes do século XX. E manteve sempre esse mesmo espírito, por entre os sobressaltos da história, quer do país e da cidade, quer da sua, de que o incêndio que quase o consumiu por completo é um exemplo.

Hoje, volvido mais de um século, o São Luiz continua a firmar a personalidade cosmopolita e aberta da nossa cidade global, tolerante, multicultural e diversa, mantendo-se como um ponto obrigatório, quer para quem nela vive, quer para quem a visita. Ao celebrar 125 anos, o São Luiz preserva, nos tempos em que vivemos, um espírito vivo e moderno, e continua a afirmar-se como um teatro da cidade para a cidade, de todos e para todos, onde se cruzam e conjugam a nossa cultura e as culturas do mundo, sempre com a capacidade de nos levar a confrontarmo-nos com a nossa condição humana, os nossos valores e os nossos comportamentos — afinal, o grande e eterno desafio que o teatro sempre suscitou, desde tempos imemoriais.

Fernando Medina

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Celebrar os 125 anos de um teatro municipal é desde logo uma oportunidade para revisitar o seu percurso e a sua história, a par do percurso e da história da própria cidade.

A Lisboa que em 1894 viu nascer o Teatro São Luiz, então Teatro Dona Amélia, era outra, os seus centros e os hábitos de quem nela vivia muito diferentes dos atuais. No século XXI, o património do Teatro São Luiz já nos conta uma longa história de resiliência, de entusiasmo e de transformação. Nasceu num centro de intensa vitalidade, habitado por outros teatros; foi reduzido a cinzas e reconstruído; nasceu antes do cinema e mais tarde fez-se sala de cinema; nasceu Real e é hoje Municipal.

O papel dos teatros é primordial para a reflexão e questionamento da própria cidade, para o ensaio e a exploração de alternativas, o encontro de ideias e de desafios, de gente, de histórias e de formas de contar. Este papel reveste-se de um carácter ainda mais pertinente quando o teatro é municipal e faz parte de uma cadeia alargada e diversa de equipamentos e de práticas culturais que têm como foco central Lisboa e quem a habita.

Ao longo dos anos, o Teatro São Luiz soube transformar-se para estar ao serviço da cidade e hoje é um espaço de encontro e de diálogo, de celebração e de memória, mas também de confronto, de diferença e de debate.

A celebração dos 125 anos do São Luiz Teatro Municipal faz-nos revisitar o teatro e o seu percurso, que não se esgota no património edificado, nem mesmo nos artistas ou programas apresentados. É um percurso que traz consigo a cidade e a sua memória, mas que tem também em si o futuro: a Lisboa que se sonha e que a cada dia — com os espetáculos, artistas e públicos que convoca — o Teatro São Luiz contribui para construir, transformar e consolidar.

Resta-nos desejar que nos próximos 125 anos o percurso do São Luiz Teatro Municipal continue a ser de questionamento e experimentação, da cidade e de cada um de nós.

Joana Gomes Cardoso

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
DA EGEAC — EMPRESA DE GESTÃO DE EQUIPAMENTOS E ANIMAÇÃO CULTURAL

É a leitura a que voltamos muitos a cada vez que temos de refletir sobre o que é o passado e como se constrói — corresponde à descrição de um pequeno quadro de Paul Klee, um pequeno quadro hoje na coleção do Museu de Israel, em Jerusalém; datado de 1920, intitula-se *Angelus Novus* e representa uma figurinha de grandes olhos e cabelos encaracolados a que Walter Benjamin chamou «o anjo da História»:

> *Tem os olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. [...] Voltou o rosto para o passado. A cadeia de factos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstruir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que já não as consegue fechar. Este vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até ao céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval*[1].

A imagem da ruína é recorrente entre os autores que procuram aproximar-se do que significa articular historicamente o mundo — encerra múltiplos sentidos e numerosas possíveis interpretações. Com implicações mais ou menos catastrofistas e de tendência mais ou menos melancólica, mais ou menos nostálgica, a invocação da ruína supõe sempre que não conheceremos nunca o passado tal como aconteceu ou existiu no momento em que era presente — do que já foi, os pedaços desfeitos da ruína surgem para apontar o que nos restará: sempre apenas indícios, resquícios, traços a partir dos quais estruturar vislumbres, não mais do que visões breves e fragmentárias, pecando, regra geral, por excessivamente angulares ou demasiado panorâmicas, dificilmente encontrando a ponderação certa de todas as coisas e o lugar que se pudesse dizer perfeito de observação.

Benjamin dizia que o passado nos surge na forma de uma recordação iluminada pelo clarão do momento em que a olhamos e reconhecemos. Mas quais os mecanismos por detrás desse clarão — quais os mecanismos que fazem com que traços de uma época possam instalar-se noutra como forças ativas?

Broch, contemporâneo de Benjamin, dizia que uma época era «nada mais do que um segmento espaciotemporal do universo histórico delimitado por duas datas» e ocupado por milhares de existências, miríades de ações, eventos e forças, uma infinidade de ocorrências, pensamentos, conquistas, fracassos, verdades e erros, um conglomerado brutal, «tão inapreensível quanto a própria eternidade»[2].

Fechada assim, no tempo e no espaço, nenhuma época ou o produto das suas existências poderia atualizar-se em qualquer outra época, permanecendo estanques e inócuos para lá do seu próprio momento, limitados a um diminuto perímetro de eficácia no excesso indiscernível da sua «opacidade orgânica». Contudo, cada época humana é atravessada pelo fluxo da história viva que oferece um veículo de transporte entre tempos — esse veículo é a tradição.

Como um filtro, que a cada passagem retém e deixa de fora uma parte, o fluxo da história viva e a tradição desagregam progressivamente o conteúdo de cada época, acabando, por fim, por deixar apenas a sua «ideia». Interpõem-se aqui a arte e o papel que vem representando na história da humanidade.

> *«A arte de uma época confunde-se com o espírito dessa época», diz-nos Broch, resumindo: «A obra de arte que atravessa as épocas, acolhida e transportada como bem concreto pela tradição, ela torna então percetível, no decurso da sua viagem, a cada uma das suas estações, a "Ideia" [...] da sua época de origem.»*[3]

Deste raciocínio infere-se que a arte reduz a diversidade do mundo a uns quantos temas que Broch diz contarem-se pelos dedos de uma mão. Segundo este autor, através da arte, a algazarra de cada época desvanece-se para tornar apenas visíveis as verdadeiras forças atuantes. Ao artista caberia, então, a faculdade de ressentir o quotidiano e, desse tumulto, extrair uma ideia. A Ideia. Mas não só: de um ponto de vista retrospetivo, por via deste processo, caberia então ao artista, na verdade, o forjar da sua época — o artista seria o criador da realidade. Uma realidade que se tornará evidente, enquanto tal, apenas no futuro, no momento do clarão do seu reconhecimento, mergulhando depois concretamente nos séculos seguintes, tal como vinha acontecendo com as anteriores e acontecerá com as seguintes.

A esta progressão pelos tempos Benjamin chama «cortejo»[4]. Um cortejo triunfal, uma vez que integra, por inerência, aqueles e aquilo que em cada época conseguiu, de uma forma ou outra, sair vitorioso e ir superando todas as resistências à sua sobrevivência. Por outro lado, alerta Benjamin, não podemos esquecer que a tradição «deve a sua existência

***ESPETÁCULO GUIADO*, DE ANDRÉ MURRAÇAS, 2019 © ESTELLE VALENTE. PERCURSO ACOMPANHADO PELAS SALAS E BASTIDORES DO SÃO LUIZ, INVOCANDO A SUA HISTÓRIA E PROTAGONISTAS.**

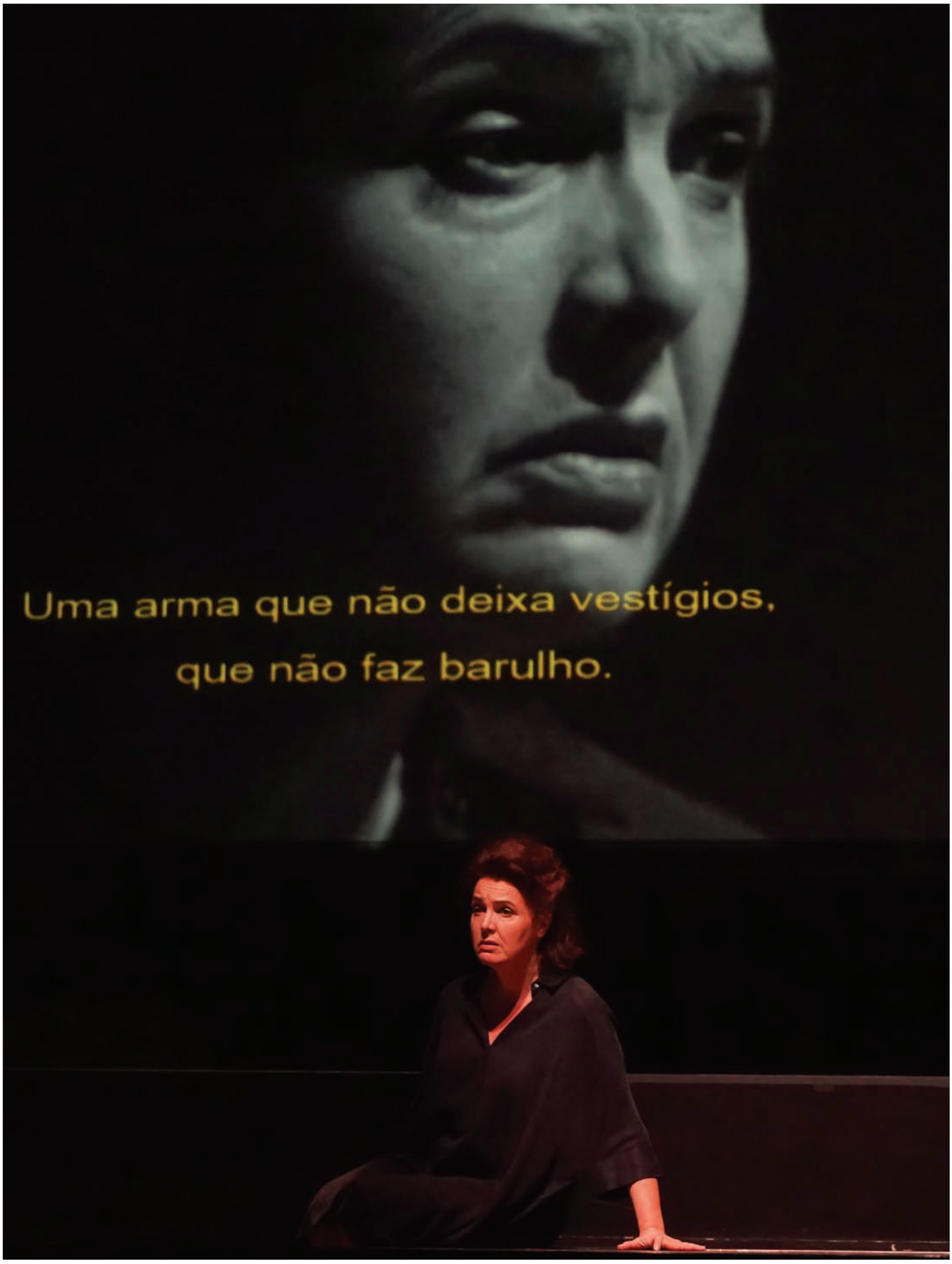
GUIDED SHOW, BY ANDRÉ MURRAÇAS, 2019 © ESTELLE VALENTE. GUIDED TOUR THROUGH THE ROOMS AND BACKSTAGE AREAS OF THE SÃO LUIZ, DRAWING OUT THE HISTORY AND *KEY PLAYERS IN THE MAKING OF THIS THEATRE*.

SALA LUIS MIGUEL CINTRA, ANTIGA SALA PRINCIPAL, 2019 © ESTELLE VALENTE.

LUIS MIGUEL CINTRA ROOM, FORMERLY THE MAIN HALL, 2019 © ESTELLE VALENTE.

***A VOZ HUMANA*, DE FRANCIS POULENC E JEAN COCTEAU, DIREÇÃO DE LÚCIA LEMOS, JOÃO PAULO SANTOS E VASCO ARAÚJO, INTERPRETAÇÃO DE LÚCIA LEMOS, 2016 © ESTELLE VALENTE. ÓPERA DE UM SÓ INTÉRPRETE, HOMENAGEANDO O MONÓLOGO QUE MARIA BARROSO APRESENTOU, EM 1966, NO SÃO LUIZ, NUM RECITAL INTERROMPIDO PELA PIDE E QUE SERIA A SUA DESPEDIDA COMO ATRIZ.**

THE HUMAN VOICE, BY FRANCIS POULENC AND JEAN COCTEAU, DIRECTED BY LÚCIA LEMOS, JOÃO PAULO SANTOS AND VASCO ARAÚJO, INTERPRETATION BY LÚCIA LEMOS 2016 © ESTELLE VALENTE. OPERA BY A SINGLE ACTOR, PAYING HOMAGE TO THE MONOLOGUE PERFORMED BY MARIA BARROSO IN 1966 AT THE SÃO LUIZ, IN A RECITAL THAT WAS INTERRUPTED BY THE PIDE AND WHICH WOULD BE HER LAST PERFORMANCE AS AN ACTRESS.



SALA BERNARDO SASSETTI (JANELÃO), 2019 © ESTELLE VALENTE.

BERNARDO SASSETTI ROOM (LARGE WINDOW), 2019 © ESTELLE VALENTE.

ENGLISH
TRANSLATION

For our part, celebrating the 125th anniversary of the Teatro São Luiz in 2019 was a matter both of preserving memories and of exercising our ambition. We believe in looking forward, in the full awareness that we have a legacy that we need to hold onto, because it makes certain demands of us.

We always seek to put the city and the country on the stage. Indeed, we have done so many times, in collaboration with myriad artists, in whom audiences have placed their trust and from whom they have learned so much.

What was then the Theatro Dona Amélia was inaugurated 125 years ago with Offenbach's operetta *La Fille du tambour-major* (The Drum Major's Daughter). We brought this production back to the stage on the anniversary itself, 22 May, with the involvement of schools from all over the country and 150 artists, many of them still in training — a sure sign that we are not alone in safeguarding the theatre's status as a focal point within the city. All that time later, we are still looking to celebrate the future, in the awareness that it is those that came before us that have made us what we are today.

We also believe that it is vital to hold on to the memories that surround this theatre. By publishing pieces by different writers and adopting different angles, this book, *São Luiz 125*, is intended to examine the history of this place, while also contemplating the present-day mission of theatres, and this one in particular. It also looks at what we will want from it in future, and thus what efforts we are prepared to make to ensure that the blurring of reality and fiction is something that happens on the stage alone.

We are celebrating the richness of this theatre and key moments in the history of the São Luiz, along with how they relate to all of the forms of art that have been practised here — including film, with its major themes of identity, responsibility and diversity — presenting and relating them to their successive national and international contexts. We want this celebration to serve as a reflection on society, politics and art. In doing so, we hope to prevent such recollections from fading, and the future from slipping away.

Aida Tavares

ARTISTIC DIRECTOR OF THE SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

Joaquim René

EXECUTIVE DIRECTOR OF THE SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL (2015-2019)

Over its 125-year history, which we are now celebrating, the São Luiz Teatro Municipal has sought to assert itself as a leading-edge space within Lisbon's art and culture scene, rising to the cosmopolitan demands of a city that has often sought to serve as a cultural and intellectual attraction.

Since its foundation in 1892, it has invariably been a space of modernity, welcoming whatever was new and noteworthy in the arts, and being open to the very latest technological progress and innovation of the age. Back in the 19th century, the São Luiz became the second space in Portugal to screen films for the public. In 1931 it was one of the first cinemas in the country to get fitted out for the age of sound. Hosting predominantly theatre performances or cinema, depending on the age, the São Luiz was one of the first spaces in Lisbon where the big names that shaped 20th-century arts were able to shine. And it has maintained that spirit, despite the vicissitudes of history, whether in the city or the country at large, or indeed the jolts and judders of own past, with the fire that almost completely consumed it being just one example.

Today, more than a century down the line, the São Luiz is continuing to define the cosmopolitan, open character of our global, tolerant, multicultural and diverse city, remaining a must-visit place for its own inhabitants and those merely visiting. As it celebrates its 125th anniversary, São Luiz is preserving its vibrant, modern spirit for the times in which we live, and continuing to assert its status as a Lisbon theatre for the city itself, by the people and for the people, where our culture and cultures from all over the world intersect and combine, and always ready and willing to confront us with our human condition, our values and our behaviour — the great and never-ending challenge, in other words, that theatre has been addressing since time immemorial.

Fernando Medina

PRESIDENT OF LISBON CITY COUNCIL

Celebrating the 125 years of a municipal theatre marks an opportunity to revisit the story of its past, along with the history of the city itself.

Lisbon as it was in 1894, at the time of the creation of the Teatro São Luiz — then called the Teatro D. Amélia — was another city, while the urban hubs and the behaviour of those who lived in them were also very different from those of today. In the 21st century, the legacy of the Teatro São Luiz is a long history of resilience, passion and transformation. It was born in a centre of intense vitality, populated by other theatres; it was reduced to ashes and later reconstructed; it was born before cinema, but later became a cinema hall; it was born a royal theatre, but is today a municipal building.

Theatres play a prime role in reflecting upon and examining the city itself, trying out and exploring alternatives, encountering ideas, challenges, people, stories and ways of telling them. This role becomes all the more pertinent when the theatre is run by the city council and forms parts of a wide-ranging and diverse array of facilities and cultural practices that centre on Lisbon and its denizens.

Over the years, the Teatro São Luiz has been able to transform itself so that it can serve the city, and today it is a space for encounters and dialogue, for celebrating memory, but also a place of confrontation, difference and debate.

Celebrating the 125 years of the São Luiz Teatro Municipal compels us to take a fresh look at the theatre and its history that is not limited to the built heritage, nor the artists or cultural problems presented there. That history is bound up in that of the city and the memory of it, but it also carries the future within it: the Lisbon that people dream of, and which the Teatro São Luiz plays a role in constructing, transforming and consolidating every day, through its shows, artists and audiences.

We sincerely hope that the São Luiz Teatro Municipal will continue to be a place of examination and experimentation in relation to the city and every one of us over the next 125 years of its history.

Joana Gomes Cardoso

CHAIR OF THE BOARD OF DIRECTORS
OF THE EGEAC — FACILITIES MANAGEMENT
AND CULTURAL ENTERTAINMENT AGENCY
ADMINISTRAÇÃO DA EGEAC

A FIRST STEP

TEXT
Vanessa Rato

There is a certain interpretation that we find ourselves returning to over and over again whenever time we compelled to reflect on the past and how it is constructed. It is echoed by the description of a small painting by Paul Klee, today in the collection of the Museum of Israel in Jerusalem, dating from 1920, entitled *Angelus Novus* and depicting a diminutive figure with big eyes and curly hair, whom Walter Benjamin dubbed "the angel of history":

> *His eyes are staring, his mouth is open, his wings are spread. [...] His face is turned towards the past. Where we perceive a chain of events, he sees one single catastrophe which keeps piling wreckage upon wreckage and hurls it before his feet. The angel would like to stay, awaken the dead, and make whole what has been smashed. But a storm is blowing from Paradise; it has got caught in his wings with such violence that the angel can no longer close them. The storm irresistibly propels him into the future to which his back is turned, while the pile of debris before him grows skyward. This storm is what we call progress*[1].

The image of wreckage is a recurring one among writers attempting to grasp the import of expressing the world through history — it encapsulates myriad meanings and numerous possible interpretations. With implications that at times tend towards catastrophising or wallowing in melancholy or nostalgia, invoking wreckage always presuposes that we will never know the past as it actually happened or be able to fathom its existence at the point at which it was the present. From what it once was, the broken pieces of wreckage emerge to reveal what is left for us: only ever clues, vestiges, traces that offer us glimpses, nothing more than fleeting and fragmented visions. As a general rule, these err on the side of being overly angular or excessively panoramic, so that we struggle to give things their correct weight or find a place that could be deemed perfect for observation.

Benjamin said that the past occurs to us in the form of a memory illuminated by glare of the moment at which we happen to look at and appreciate it. But what are the mechanisms behind this glare? Which mechanisms make the remnants of one age become ingrained in another as active forces?

Broch, a contemporary of Benjamin, said that an era is "nothing but a segment of the space-time continuum of the historical universe, demarcated by two dates," and that it is populated by thousands of existences, myriad actions, events and forces, an infinite number of occurrences, thoughts, triumphs, weaknesses, truths and errors — a brutal accumulation "as incomprehensible as eternity itself"[2].

Thus closed off in time and space, no era or the product of its existence could ever be upgraded for another era; instead they remain impervious and hermetically sealed to anything beyond their own moment, limited to a small range of efficacy, the imperceptible excess of their "organic opacity". Nonetheless, the flow of living history runs through every human era, offering a means of transportation between different times. That vehicle is tradition.

Like a filter that retains something but leaves something else out at each pass, the flow of living history and tradition gradually wash away the content of each age, until they reach the point where only the idea of it remains.

This is where art and the role that it has played in the history of humanity come in.

> *"The art of an era becomes confused with the spirit of that era," says Broch, summarising it thus: "The work of art that runs through the ages, welcomed and carried along by tradition as a tangible asset, makes the 'idea' [...] of its era of origin perceptible at each of the periods it arrives at over the course of its journey"*[3].

If we follow this line of reasoning, we can infer that art reduces the diversity of the world to a few select themes,

SÃO LUIZ 125

UMA ENCOMENDA TEATRO SÃO LUIZ EM PARCERIA COM IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA (INCM)
COMMISSIONED BY TEATRO SÃO LUIZ IN PARTNERSHIP WITH IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA (INCM)

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO:
EDITION AND COORDINATION:
VANESSA RATO

AUTORES:
AUTHORS:
ALEXANDRA AREIA
ANA PAIS
ANA VAZ MILHEIRO
ANTÓNIO PINTO RIBEIRO
CLÁUDIA MADEIRA
DUARTE SANTO
FERNANDO CABRAL MARTINS
FILIPE GUERREIRO
FILIPE LA FÉRIA
INÊS NADAIS
ISABEL LUCAS
JOACINE KATAR MOREIRA
JOANA CRAVEIRO
JOSÉ BRAGANÇA DE MIRANDA
JOSÉ GIL
JOSÉ SARMENTO DE MATOS
LUÍS MIGUEL OLIVEIRA
MANUEL DENIZ
MARIA VIRGÍLIO CAMBRAIA LOPES
ODETE
PAULA MAGALHÃES
TERESA MENDES FLORES

EDIÇÃO DE TEXTO:
TEXT EDITION:
BÁRBARA SIMÕES
INÊS RODRIGUES

TRADUÇÃO:
TRANSLATION:
KENNISTRANSLATION —
BETH FOWLER
DOMINIO ZUGAI
ELEANOR STANISFORD
GEOFFREY OHAN
JEREMY ROE
LUCY PHILIPS
MAISIE FITZPA TRICK
THEODORA BRADFORD

JOSÉ BRAGANÇA DE MIRANDA
TRADUZIDO POR:
TRANSLATED BY:
ANA MACEDO

REVISÃO DE TEXTO:
TEXT REVISION:
IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

DESIGN GRÁFICO:
GRAPHIC DESIGN:
SILVADESIGNERS

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
PRINTING AND FINISHING:
IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
LISBON CITY COUNCIL

PRESIDENTE:
PRESIDENT:
FERNANDO MEDINA

VEREADORA DA CULTURA:
COUNCILLOR FOR CULTURE:
CATARINA VAZ PINTO

EGEAC — CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:
ADMNISTRATIVE COUNCIL:
JOANA GOMES CARDOSO — PRESIDENTE / PRESIDENT
SOFIA MENESES
MANUEL VEIGA

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
DIRETORA ARTÍSTICA:
ARTISTIC DIRECTOR:
AIDA TAVARES

DIRETORA EXECUTIVA:
EXECUTIVE DIRECTOR:
ANA RITA OSÓRIO

DIREÇÃO DE COMUNICAÇÃO:
COMMUNICACIONS DIRECTOR:
ELSA BARÃO

1.ª EDIÇÃO:
FIRST EDITION:
MARÇO DE 2020

ISBN:
978-972-27-2815-7

DEPÓSITO LEGAL:
LEGAL DEPOSIT:
466 620/20

N.º DE EDIÇÃO:
EDITION NUMBER:
1023741

O TEATRO NÃO VISA UM
OUTRO MUNDO, CIRCULA ENTRE
MUNDOS, SOLTA-SE DE UM
E MOVE-SE PARA OUTRO.
ESTÁ NA TRANSIÇÃO ENTRE
ESTADOS E CATEGORIAS: ENTRE
O ATOR E A PERSONAGEM,
ENTRE A LINGUAGEM E O GESTO,
ENTRE O AMOR E O ÓDIO, ENTRE
A VIDA E A MORTE. COMO O JOGO,
O TEATRO É MOVIMENTO
PURO SEM DESTINO.
— JOSÉ GIL

9 789722 728157

LISBOA EGEAC

IMPRENSA NACIONAL